

GRAHAM MOORE

Os últimos dias da noite

Tradução

Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Graham Moore
Copyright do mapa © 2016 by David Lindroth Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Last Days of Night

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

© Bridgeman/ Fotoarena

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Valquíria Della Pozza

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moore, Graham

Os últimos dias da noite / Graham Moore ; tradução Jorio
Dauster. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: The Last Days of Night.

ISBN 978-85-359-2921-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

17-03899

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana

813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

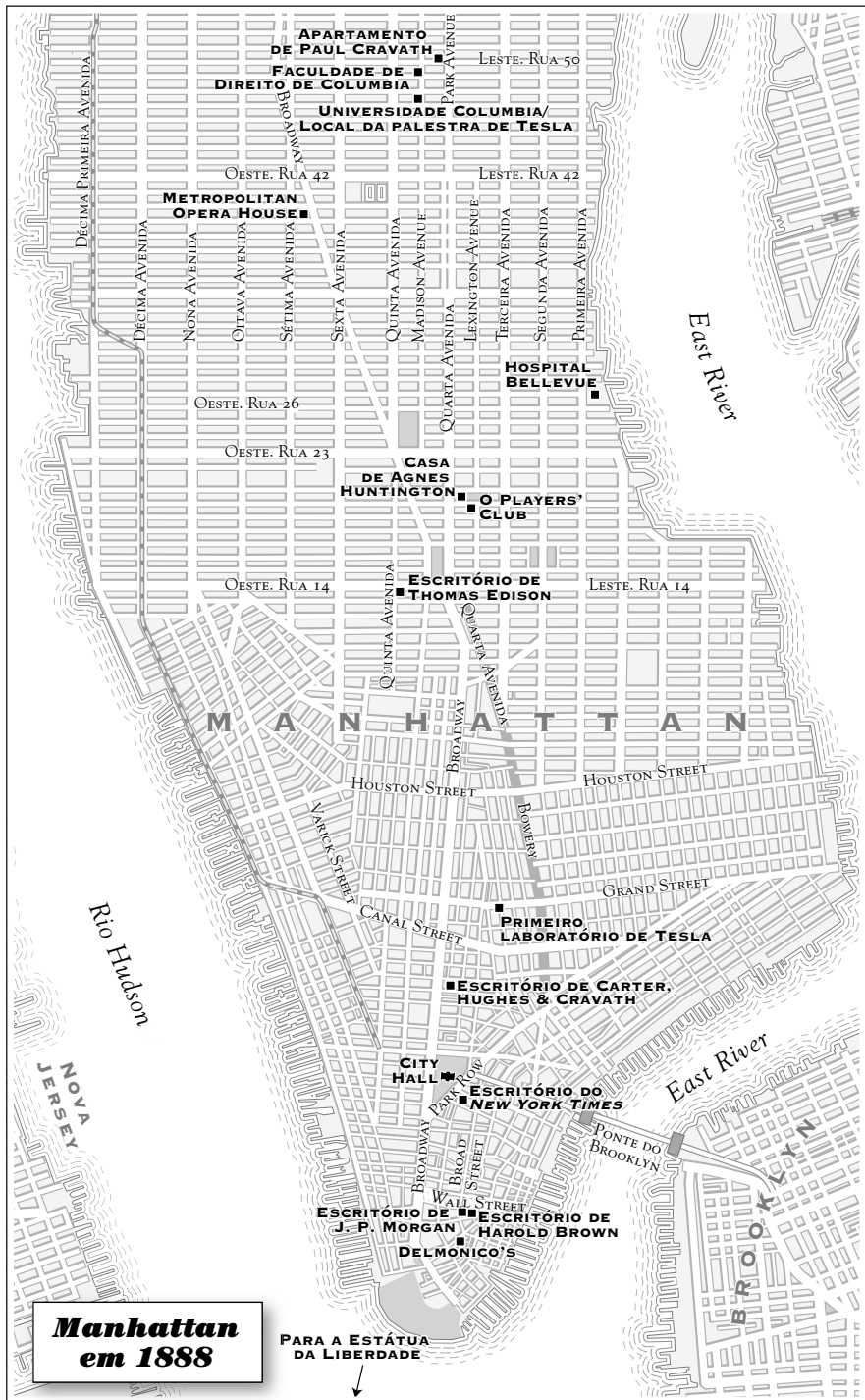
*A meu avô, dr. Charlie Steiner, o primeiro
que me ensinou a amar a ciência numa visita
aos Laboratórios Bell quando eu tinha nove anos.
Ele foi um exemplo de inteligência, bondade
e decência que me inspira todos os dias.*

Sumário

Parte I: Cabeças de ponte,	11
Parte II: Bolsões na retaguarda,	165
Parte III: Soluções,	343

Nota do autor, 425

Agradecimentos, 437



PARTE I — CABEÇAS DE PONTE

Você não entende que Steve não manja nada de tecnologia? Ele não passa de um vendedor excepcional... Não sabe nada sobre engenharia, e noventa e nove por cento do que diz e pensa está errado.

Bill Gates

1. Os últimos dias da noite

As pessoas não sabem o que querem até que você lhes mostre.

Steve Jobs

11 DE MAIO DE 1888

No dia em que iria se encontrar com Thomas Edison pela primeira vez, Paul viu um homem ser queimado vivo em plena Broadway.

A imolação ocorreu no final de uma manhã de sexta-feira. A movimentação da hora do almoço estava aumentando quando ele desceu do prédio de escritórios para a rua apinhada. Paul era uma figura imponente em meio ao fluxo de pedestres: com um metro e noventa e três, os ombros largos e o rosto bem escanhoado, vestia paletó preto, colete e gravata longa, a indumentária típica de um jovem profissional liberal de Nova York. Os cabelos, repartidos com perfeição no lado esquerdo, começavam a

revelar duas entradas ainda discretas. Parecia ter mais do que seus vinte e seis anos.

Ao se misturar à multidão na Broadway, notou de relance um jovem com o uniforme da Western Union que, do alto de uma escada, mexia nos fios elétricos, os grossos cabos pretos que nos últimos tempos tinham passado a ser vistos nos céus da cidade. Como se entrecruzavam com os fios mais antigos e mais finos dos telégrafos, uma rajada de vento primaveril os enroscara num grosso nó. O funcionário da Western Union tentava desembaraçar os dois feixes, qual uma criança atrapalhada com enormes cadarços de sapato.

Paul só tinha em mente uma xícara de café. Como era novato no distrito financeiro e na firma de advocacia que ocupava o terceiro andar do número 346 da Broadway, ainda não decidira qual dos cafés da área era seu predileto. Havia um na direção norte, seguindo pela Walker. E outro na Baxter, com o serviço mais lento, porém muito mais elegante, que exibia um galo na porta. Paul estava cansado. Como tinha dormido no escritório na noite anterior, era bom sentir o ar fresco no rosto ao sair pela primeira vez naquele dia.

Quando viu a centelha inicial, não entendeu de imediato o que estava acontecendo. O funcionário pegou um fio e puxou. Paul ouviu um ruído seco — como uma pequena explosão, rápida e esquisita —, ao mesmo tempo que o homem estremeceu. Mais tarde lembrou ter visto um fulgor, embora naquele momento não soubesse do que se tratava. O funcionário agarrou outro fio com a mão livre, procurando não cair. Este, segundo Paul entendeu depois, foi seu erro. Ele havia criado uma conexão. Tornara-se um condutor vivo.

Centelhas alaranjadas pipocaram nos braços do funcionário.

Cerca de duzentas pessoas enchiam as calçadas naquela manhã, e todas as cabeças pareceram se mover ao mesmo tem-

po. Financistas desfilavam com cartolas de abas largas; assistentes de corretores de ações corriam para a Wall Street com mensagens secretas; secretárias com saias pregueadas e jaquetas elegantes formavam vistosos conjuntos; contadores estavam à caça de sanduíches; senhoras ricas, com vestidos de Doucet, vinham das imediações da Washington Square; políticos locais iam à cata de encontros lucrativos; inúmeros cavalos puxavam cabriolés de rodas largas sobre os paralelepípedos irregulares. A Broadway era a artéria que alimentava o sul da ilha de Manhattan. Uma riqueza jamais vista na face da terra borbulhava naquelas ruas. No jornal matutino, Paul lera que John Jacob Astor se tornara oficialmente mais rico do que a rainha da Inglaterra.

Todos os olhos convergiram para o homem suspenso no ar. Uma chama azul escapou-lhe da boca, ateando fogo a seus cabelos. As roupas queimaram num instante. Ele tombou para a frente, os braços ainda agarrados aos fios. Os pés ficaram balançando diante da escada. Seu corpo assumiu a postura de Jesus crucificado. A chama azul que ele ainda exalava derreteu a pele e revelou os ossos.

Ninguém gritara ainda. Paul não estava nem mesmo certo do que assistia. Já tinha presenciado cenas de violência. Crescera numa fazenda. A morte e as vascas da agonia não eram eventos notáveis nas margens do rio Cumberland. Mas nunca vira coisa igual.

Depois de alguns segundos que pareceram séculos, à medida que o sangue do homem pingava sobre os pequenos entregadores de jornal mais abaixo, os gritos começaram. Muitas pessoas fugiram do local como num estouro da boiada. Homens adultos se chocaram contra mulheres. Os entregadores de jornal em disparada no meio da multidão, sem rumo definido, apenas correram, tentando arrancar a carne queimada dos cabelos.

Cavalos empinaram e deram coices no vazio, os cascos qua-

se atingindo seus proprietários em pânico. Paul ficou plantado onde estava até que viu um entregador de jornal cair à frente de um cabriolé. Os garanhões avançaram, rebelando-se contra as rédeas, as rodas cada vez mais próximas do peito do menino. Paul não chegou a se conscientizar de que precisava tomar alguma iniciativa — simplesmente agiu. Agarrou o garoto pelo ombro, puxando-o para a calçada.

Com a manga do paletó tirou o pó e o sangue do rosto da criança. Mas, antes que pudesse verificar se ele estava ferido, o menino se enfiou de novo no meio da multidão.

Paul sentou-se ali perto, recostado num poste do telégrafo. Estava nauseado. Percebendo que resfolegava, procurou controlar a respiração enquanto descansava no chão de terra.

Passaram-se mais dez minutos antes que o tilintar das sine-tas anunciasse os bombeiros. Três cavalos puxavam um carro-pipa, que parou debaixo da cena lúgubre. Meia dúzia de bombeiros em uniformes com botões pretos ergueram os olhos ainda descrentes para o alto. Um deles pegou instintivamente a mangueira movida a vapor, mas os demais se limitaram a observar horrorizados. Nunca haviam testemunhado algo semelhante. Isso era a eletricidade. E a estranha maravilha do relâmpago feito pelo homem era tão misteriosa e incompreensível quanto uma praga do Velho Testamento.

Paul continuou sentado e paralisado durante os quarenta e cinco minutos que os temerosos bombeiros levaram para soltar o corpo enegrecido. Prestou atenção em cada detalhe do que viu — não para lembrar, mas para esquecer. Ele era advogado e sua breve carreira na área jurídica já havia provocado em seu cérebro o prazer das minúcias. Seus medos mortais só podiam ser superados graças a um domínio enciclopédico dos detalhes.

Era um criador profissional de narrativas. Contava histórias concisas. Seu trabalho consistia em lidar com uma série de

eventos isolados e, depois de descartar o que não prestava, organizá-los numa progressão lógica. As imagens desconectadas da manhã — uma tarefa rotineira, um erro crasso, um braço buscando agarrar algo, uma rua coalhada de gente, uma centelha de fogo, uma criança borrifada de sangue, um corpo se derretendo — podiam ser reunidas e compor uma história. Haveria um começo, um meio e um fim. As histórias chegam a um final, e depois vão embora. Essa é a mágica de que necessitam. A história daquele dia, uma vez que ele a contasse para si, podia ser empacotada, posta de lado e só lembrada quando fosse preciso. A narrativa bem formulada o protegeria do terror da recordação em sua forma mais crua.

Ele sabia que até mesmo uma história verdadeira é ficção. É a ferramenta reconfortante que utilizamos para organizar o mundo caótico que nos cerca, transformando-o em algo compreensível. É a máquina cognitiva que separa, do joio da sensação, o trigo da emoção. O mundo real está repleto de incidentes, transborda de ocorrências. Em nossas histórias, desprezamos a maioria desses fatos até que a razão lúcida e a motivação venham à tona. Toda história constitui uma invenção, um recurso tecnológico não muito diferente daquele que, pela manhã, havia queimado a pele de um homem deixando à mostra seus ossos. Uma boa história podia ser usada com objetivos não menos perigosos.

Como advogado, as histórias de Paul tinham um caráter moral. Em suas narrativas, só existiam vítimas e algozes. Caluniados e mentirosos. Ludibriados e ladrões. Paul construía tais personagens com grande cuidado, até que o direito do indivíduo que ele representava — quando fazia uma queixa ou se defendia de alguma acusação — se mostrava inquestionável. Não cabia ao litigante determinar os fatos; seu trabalho consistia em formular uma história a partir de tais fatos, de modo que uma clara conclusão moral se tornasse inevitável. Esta era a razão de ser

das histórias de Paul: exibir uma incontestável visão do mundo. E desaparecer depois que o mundo estivesse organizado nessas novas bases e ele houvesse colhido sua remuneração justa. Um começo ousado, um meio excitante, um fim satisfatório, talvez um último toque especial e... tudo acabado. Catalogado e embalado, depositado em lugar seguro.

Ele só precisava contar para si mesmo a história de hoje, e ela desapareceria. As imagens seriam revisitadas várias vezes. A salvação por meio da repetição. Mas, em retrospectiva, o corpo flamejante acima da Broadway foi apenas a segunda coisa mais aterrorizante que Paul Cravath veria naquele dia.

À noite — depois que sua secretária havia partido para o apartamento onde morava em Yorkville, depois que os colegas mais graduados tinham se retirado para suas casas de três andares na porção norte da Quinta Avenida, muito depois de Paul ter desistido de ir para seu apartamento de solteiro na rua 50 e, em vez disso, ter escrito tantas notas com sua caneta-tinteiro Waterman emborrachada que acabara criando uma bolha no dedo médio da mão direita —, um menino chegou à porta do escritório. Trazia um telegrama.

“Gostaria de vê-lo agora mesmo”, dizia a mensagem. “Muitas questões a discutir em caráter estritamente confidencial.”

O remetente assinava “T. Edison”.

2. O feiticeiro de Menlo Park

Diabos, aqui não há nenhuma regra — estamos tentando fazer alguma coisa.

Thomas Edison, *Harper's Magazine*, setembro de 1932

Prestes a sair, Paul pegou o paletó e refez o nó da gravata. Embora viesse lutando contra Thomas Edison numa causa havia seis meses, nunca o encontrara.

Edison certamente ouvira falar no acidente. A morte de um homem em plena rua, causada pela eletricidade. Decerto preparava uma resposta. Mas o que o inventor mais famoso do mundo poderia querer com Paul?

Antes de partir, ele retirou certa pasta de uma gaveta e guardou alguns documentos no bolso interno de seu casacão de lã. Fosse lá o que Edison estivesse planejando, o advogado poderia sacar seu próprio coelho da cartola.

Àquela hora, a Broadway estava quase às escuras. Os poucos lampiões de gás que iluminavam a rua transmitiam um tênue

brilho amarelado aos paralelepípedos. Só um ponto reluzia à distância: Wall Street, na direção sul, era uma cidadela de luzes elétricas brilhantes em meio à atmosfera sombria com que a fumaça e o gás cobriam Manhattan.

Paul se voltou na direção mal iluminada do norte e no mesmo instante fez sinal para uma carruagem de quatro rodas. “Número 65 da Quinta Avenida”, indicou ao cocheiro. Conquanto a Edison General Electric Company ainda mantivesse seu famoso laboratório em Nova Jersey, a sede da companhia havia sido instalada num endereço mais sofisticado.

O homem se voltou para Paul. “Vai visitar o Feiticeiro?”

“Não posso imaginar que a mãe dele o chame assim.”

“A mãe dele morreu faz muito tempo”, respondeu o cocheiro. “Não sabia?”

O mito que cercava a trajetória de Edison nunca deixava de surpreendê-lo. Em menos de uma década de vida pública, o inventor se tornara um moderno Johnny Appleseed, o lendário pioneiro que promovera a plantação de maçãs em vastas áreas do país. Era de causar raiva, embora não se pudesse negar a habilidade com que aquilo fora efetuado.

“Ele não passa de um homem”, retrucou Paul. “Apesar do que dizem os jornais.”

“Ele faz milagres. Relâmpagos numa garrafa de vidro. Vozes num fio de cobre. Que tipo de homem é capaz disso?”

“Um homem rico.”

Os cavalos subiram a Broadway, passando pela tranquila Houston Street e pelas elegantes casas geminadas da rua 14. A ilha continuava na penumbra até que fizeram uma curva na Quinta Avenida e surgiram as luzes elétricas. A imensa maioria das ruas de Nova York era iluminada com gás de carvão, os mesmos lampiões bruxuleantes que lá se encontravam havia um século. Em tempos recentes, porém, um punhado de ricos homens

de negócios pudera brindar seus prédios com aquelas novas lâmpadas elétricas. Numas poucas ruas se concentrava cerca de noventa e nove por cento da eletricidade dos Estados Unidos, e seus nomes eram bem conhecidos: Wall Street, Madison Avenue, rua 34. A cada dia esses quarteirões se tornavam um pouco mais claros à medida que novos edifícios eram conectados. Os cabos suspensos formavam uma fortaleza ao redor de cada quarteirão. Paul contemplou a Quinta Avenida e viu o progresso.

E, no entanto, caso tivesse êxito, ele veria o império iluminado de Edison ser arruinado.

A carruagem chegou ao número 65 da Quinta Avenida às onze da noite. Os homens corpulentos atrás das vidraças portavam suas armas de modo ostensivo. Para que aquela postura belicosa? Só um cretino entraria sem medo naquele prédio.

Um homem barbado de meia-idade recebeu Paul perto da escadaria principal. Não sorriu ao oferecer a mão. “Charles Batchelor.”

“Sei quem o senhor é”, disse Paul. Batchelor era o principal assistente de Edison: chefe do laboratório e também seu maior assecla. Se Edison exigisse que se desencavasse alguma sujeira, Batchelor seguraria a pá. Os jornais diziam que os dois eram inseparáveis. Mas, ao contrário do patrão, Batchelor não concedia entrevistas. Seu rosto jamais ladeava o de Edison na primeira página.

“Ele está esperando pelo senhor”, foi tudo que Batchelor disse. Conduziu Paul escada acima. O escritório particular de Edison ficava no quarto andar. Batchelor abriu as portas duplas de carvalho e convidou Paul a entrar antes de se postar, em silêncio, a certa distância. Era como se ele se tornasse invisível até nova ordem.

O escritório era ricamente mobiliado. Cadeiras estofadas em couro. A escrivaninha de mogno, com tampo de vidro, co-

berta de aparelhos elétricos. Uma cama estreita num canto. Corriam rumores de que o inventor dormia apenas três horas por noite. Paul não estava convencido de que fosse verdade, desconfiança que se estendia a outros boatos acerca de Thomas Edison.

As paredes decoradas ostentavam belas lâmpadas elétricas em forma de rosa. E como eram brilhantes! Paul olhou para as mãos, dando-se conta de que nunca as vira sob a luz elétrica. Podia discernir as veias azuis debaixo da pele. Pintas, marcas de catapora, cicatrizes, sujeira, as feias rugas que um homem acumula ao chegar aos vinte e seis anos. Seu dedo médio traidor, sempre tremelizando quando estava nervoso. Paul sentiu que não apenas as luzes eram novas, mas ele também. Uma centelha num filamento, e ele se via como alguém que nunca imaginara ser.

Sentado atrás da larga escrivaninha de mogno, Thomas Edison fumava um charuto. Era mais bonito do que aparentava nas fotografias, mais magro, exibindo o maxilar quadrado típico do Meio-Oeste. Mesmo já entrado nos quarenta, os cabelos continuavam tão desgrenhados quanto os de um colegial. Num homem menos importante, isso o faria parecer mais velho; no caso de Edison, era como se ele tivesse coisas mais relevantes com que se preocupar.

“Boa noite.”

“Por que fui chamado aqui, sr. Edison?”

“Direto ao ponto. Aprecio essa qualidade num advogado.”

“Não sou seu advogado.”

Edison ergueu as sobrancelhas de modo curioso e empurrou um papel por cima da mesa. Paul hesitou antes de se aproximar. Não queria ceder em nada. Mas também queria saber o que Edison lhe mostrava.

Era uma reprodução da primeira página do *New York Times*. ENCONTROU A MORTE NOS FIOS, proclamava a manchete.

ESPETÁCULO MEDONHO — TRABALHADOR QUEIMADO VIVO NUMA REDE DE FIAÇÃO. Na sequência, um artigo candente denunciava os perigos da energia elétrica. Os editores questionavam a segurança dos cabos que cruzavam a cidade transportando uma energia incontrolável e pouco compreendida.

“Esse é o jornal de amanhã”, disse Paul. “Como o conseguiu?”

Edison ignorou a pergunta. “Seu pequeno escritório, como se chama? Bem perto daqui, não é?”

“Vi quando aconteceu.”

“Viu mesmo?”

“Vi o homem pegar fogo e estava lá quando os bombeiros despregaram o corpo dele dos fios. Mas os cabos na parte sul da Broadway não são seus. Nem do meu cliente. Pertencem à U.S. Illuminating Company. E, como não sou advogado do sr. Lynch, graças aos céus, isso nada tem a ver comigo. Ou à disputa entre o senhor e George Westinghouse.”

“O senhor acha mesmo isso?”

“Por que me chamou?”

Edison fez uma pausa antes de voltar a falar. “Sr. Cravath, há uma guerra em curso, caso o senhor não tenha notado. Dentro dos próximos anos, alguém vai construir um sistema elétrico com o potencial de iluminar todo o país. Pode ser que seja eu. Pode ser o sr. Westinghouse. Mas, depois de hoje, não será o sr. Lynch. A imprensa vai triturá-lo a partir de amanhã de manhã.”

“Soa bem aos meus ouvidos.”

Edison bateu as cinzas do charuto numa salva dourada.

“No ano passado”, ele disse, “tive muitos adversários que exigiram minha atenção. Depois de hoje, só terei um. Seu cliente. Ou ganho eu ou ganha o sr. Westinghouse. Simples assim. Minha empresa é dez vezes maior que a dele. Tenho uma vantagem de sete anos na aplicação prática dessa tecnologia. O pró-